

## EDITORIAL

Cada onda deste mar chamado revista Inter-Ação espera produzir nova energia em seus leitores. O dossiê deste número, *Linguagem e ensino*, chega em maré alta e, pelo destaque dado pela maioria de seus artigos à interação no campo educacional, convoca o próprio nome da revista para que seja o topo de sentidos de sua articulação entre autores e leitores. Desta vez, os artigos direcionam-se pelo olhar da linguagem e, embora com diferenças – algumas delas radicais – acionam os sujeitos dessa atividade constitutiva em direção ao nosso campo de ação: educar, ensinar, aprender.

Essa opção de tocar, por alguma via, na subjetividade reflete, sem dúvida, o debate teórico que tem sido frequentado, nos últimos quarenta anos, por aqueles que se propõem a estudar e pesquisar a temática *Linguagem*. Colhemos, então, alguns frutos dessa elaboração, que vem perpassando diversas atividades do nosso meio acadêmico. A palavrinha *ensino* promoveu também suas convocações: por causa dela puxou-se o fio da discussão sobre a realidade da escola e sobre os papéis paradoxais desempenhados pelo professor, pelo aluno, pelas autoridades governamentais, bem como por outras instâncias subjetivas aí implicadas.

A contribuição de Charaudeau centra-se na noção de contrato de comunicação para, a partir daí, pensar os princípios básicos do ato da linguagem. Segundo ele, esse contrato é um quadro de reconhecimento em que se situam os parceiros, para que eles possam interagir e intercompreender-se; sem isso a sala de aula é um espaço vazio de sentidos. A discussão de Burgarelli recorre à psicanálise para repensar as concepções de linguagem mais frequentemente admitidas pelos linguistas e pelos educadores. Aborda, primeiramente, a constituição do sujeito pela linguagem e, depois, abre trilhas para que se pensem tanto a noção de sujeito do desejo quanto a de corporeidade. A reflexão de Lysardo-Dias trata dos estereótipos presentes nas práticas de leitura, essa ligação inevitável entre o saber textualmente organizado e o senso comum. Depois, o ponto de vista crítico de João Wanderley e Corinta Geraldí sobre a movimentação política perigosa que ronda a ação educativa, capaz de levar o leitor a indagar sobre vários elementos e questões cotidianas que afetam o ensinar, o aprender e o

constituir-se escola. Já as indagações de Souza concentram-se no problema de delegar para a disciplina Português as questões de linguagem, enquanto que, na sua elaboração, todas as áreas praticam as atividades de linguagem, à maneira de cada uma, para constituir seu campo de saber e interagir com os alunos. Por fim, a discussão de Girotto e Mello sobre a leitura dialógica de literatura, um artigo corajoso por se arriscar a posicionar-se diante do como fazer, ou seja, do passo-a-passo com a atividade de ler os clássicos da literatura universal numa escola pública.

Nem tão nova nem tão antiga, esta onda, *Linguagem e ensino*, espera leitores interativos, que saibam aproveitar bem esse movimento em sua própria praia. Acreditamos ainda que, em diferentes praias, algumas diferentes ondas podem ser tomadas tanto em sua proximidade quanto em sua distância, mesmo abordando questões do mesmo mar. Talvez seja esse tipo de atenção uma chave preciosa para se encadear também a leitura da sessão Artigos, em que encontramos elaborações sobre a educação infantil (creche), a inclusão na educação básica, as representações acerca da violência (ensino fundamental), o curso de Pedagogia, a crítica da razão como crítica da formação e – para não fechar – a linguagem no cinema (Narradores de Javé).

COORDENADORES DO DOSSIÊ